

A ideia de uma ciência da alma: Christian Wolff e o surgimento da psicologia científica na Alemanha

The idea of a science of the soul: Christian Wolff and the emergence of scientific psychology in Germany

Saulo de Freitas Araujo

Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

saulo.araujo@ufjf.edu.br

Resumo: Apesar do crescente interesse despertado pela figura de Christian Wolff nas últimas décadas, a compreensão de seu pensamento ainda enfrenta obstáculos e desafios. De um lado, na história da filosofia, não é raro encontrarmos um Wolff compreendido a partir de Kant. De outro, na história da psicologia, pode-se falar de uma estranha negligência do papel exercido por Wolff no desenvolvimento de uma ciência psicológica autônoma, especialmente na tradição alemã, que culminará na separação radical entre filosofia e psicologia a partir do século XX. O objetivo deste artigo é situar historicamente o projeto wolffiano de uma ciência da alma, mostrando não só o seu sentido específico, mas também suas principais contribuições e algumas de suas consequências para o posterior desenvolvimento da psicologia alemã nos séculos XVIII e XIX. Finalmente, vou indicar alguns desafios e possíveis caminhos para investigações futuras.

Palavras-chave: Christian Wolff; ciência da alma; psicologia científica; história da psicologia; história da filosofia.

Abstract: Despite the growing interest in Christian Wolff in the last decades, comprehending his ideas still poses challenges and obstacles. On the one hand, it is not uncommon in the history of philosophy to find Wolff interpreted from a Kantian perspective. On the other, the history of psychology tends to neglect the role Wolff played in the development of an autonomous psychological science, especially in the German tradition, and culminating in a radical rupture between philosophy and psychology from the twentieth century onward. The goal of this paper is to situate historically the Wolffian project of a science of the soul, thereby showing not only its specific meaning, but also its main contributions and consequences to the development of scientific psychology in the eighteenth and nineteenth centuries. Finally, I will indicate some challenges and possible paths for future investigations.

Keywords: Christian Wolff; science of the soul; scientific psychology; history of psychology; history of philosophy.



Não é incomum encontrarmos, na historiografia da filosofia, um retrato enviesado de Christian Wolff. De um lado, a expressão ‘filosofia leibniziano-wolffiana’ dá muitas vezes a entender que Wolff foi um pensador sem originalidade alguma, um mero repetidor de Leibniz. De outro, o pensamento wolffiano é frequentemente interpretado em termos de uma preparação para o advento da filosofia crítica de Kant. Em ambos os casos, o resultado só pode ser uma incompreensão histórica. Não é que a relação entre Wolff e Leibniz seja inexistente: o próprio vocabulário de Wolff, somado ao seu profundo interesse pelo princípio da harmonia preestabelecida, revela o contrário. Também não se trata de recusar a relação com Kant: as múltiplas referências a Wolff no *corpus* kantiano constituem um fato inegável. O problema é, antes, o de negar uma inteligibilidade própria ao pensamento wolffiano. No primeiro caso, as similaridades são ressaltadas em detrimento das diferenças. No segundo, o fantasma do anacronismo assombra.

A partir da década de 1960, a iniciativa de Jean École e colaboradores de editar as obras completas de Wolff representou um passo importante para uma reinterpretação do seu pensamento. Em consequência disso, temos hoje, ainda que muitas lacunas persistam, uma imagem bem mais ampliada da extensão e da profundidade da filosofia wolffiana, como atesta o recente *Wolff-Handbuch*, publicado pela Springer (THEIS & AICHELE, 2018). Também como resultado dessa nova onda de estudos, a relação entre Kant e Wolff começou a ser em muitos aspectos repensada. Por exemplo, o excelente trabalho de Corey Dyck, em *Kant and Rational Psychology*, mostra claramente que a psicologia racional de Wolff desempenha um papel muito mais importante nos “Paralogismos da Razão Pura” da primeira edição da *Crítica da Razão Pura* do que se tinha imaginado até então (DYCK, 2014).

Para além da contextualização histórica da filosofia wolffiana, há, porém, um problema que me parece ainda mais urgente, e que constitui aqui o objeto de minha análise, a saber, o lugar de Wolff no desenvolvimento histórico da psicologia científica, mais especificamente na tradição alemã. Os manuais de história geral da psicologia ou ignoram completamente as contribuições de Wolff ou, quando muito, referem-se a elas de uma forma descontextualizada e superficial. É bem verdade que, na contramão dessa tendência dominante, alguns estudos recentes têm procurado demonstrar a importância do projeto psicológico wolffiano para o desenvolvimento histórico da psicologia (e.g., ARAUJO, 2012; ARAUJO & PEREIRA, 2014; PEREIRA, 2017; STURM, 2009; VIDAL, 2011). No entanto, exatamente por causa do alcance restrito de um círculo de especialistas, isso não tem sido suficiente para rejuvenescer a imagem de Wolff na psicologia contemporânea.

Em face do problema acima apresentado, vou defender a tese de que a psicologia wolffiana foi o grande modelo que serviu de referência para o desenvolvimento de uma psicologia científica na tradição alemã, que atinge seu ponto culminante na segunda metade do século XIX. Como suporte para minha tese, vou destacar aqui três características que, a meu ver, ilustram bem a influência posterior de Wolff: 1) a criação de um vocabulário psicológico próprio; 2) a demarcação da psicologia como ciência especial; 3) a possibilidade de mensuração dos fenômenos mentais.

Antes de mais nada, é importante ressaltar que a ideia de uma ciência da alma não era estranha nem ao ideário medieval nem ao renascentista. Vale lembrar que, com base nas traduções dos textos de Aristóteles para o latim, a partir do século XII, constituiu-se nos séculos seguintes uma nova tradição de estudos psicológicos, reunidos sob a expressão *scientia de anima*, que consistia fundamentalmente em paráfrases, comentários e interpretações do *De Anima*, como atestam os trabalhos de Santo Tomás de Aquino (1225-1274), Jean Buridan (1300-1358) e Nicole Oresme (1323?-1382), entre outros (e.g., BOER, 2013; ZUPKO, 1997). Nesse contexto, a psicologia, entendida como *scientia de anima*, era inicialmente uma parte da filosofia natural. Aos poucos, porém, os debates em torno da alma intelectual vão provocando transformações no modo de se conceber a *scientia de anima*, que culminarão não só na separação entre o nível empírico e o metafísico, mas também no dualismo cartesiano (e.g., DES CHENE, 2000, 2001; PERLER, 2009; SALATOWSKY, 2006).



É a partir desse contexto que devemos entender a psicologia de Wolff. E é também aqui que devemos localizar sua primeira contribuição para o desenvolvimento da psicologia científica. Ao elaborar na sua língua vernácula conceitos fundamentais da tradição latina, Wolff estabeleceu o vocabulário psicológico básico de toda a tradição alemã posterior. Assim, termos como *Bewusstsein*, *Lust/Unlust*, *Vorstellung*, entre outros, vão reaparecer em todas as teorias filosóficas e psicológicas subsequentes. Como afirma Eric Blackall, “Wolff estabeleceu não só a linguagem da filosofia alemã, mas também a sua disciplina” (BLACKALL, 1959, p. 46). Essa revolução terminológica, vale lembrar, ocorreu logo no início da carreira de Wolff, no primeiro período em que viveu em Halle, até ser expulso em 1726. Foram obras escritas especialmente para seus estudantes, com o intuito de estabelecer e promover o ensino de filosofia em alemão, o que acabou dando grande popularidade ao autor (WOLFF, 1720, 1726).

A segunda grande contribuição de Wolff que quero aqui destacar é a própria demarcação da psicologia como ciência. Embora o conteúdo essencial da psicologia já tivesse sido explorado em seus escritos alemães – especialmente em *Deutsche Metaphysik* (WOLFF, 1720), *Anmerkungen* (WOLFF, 1724) e *Ausführliche Nachricht* (WOLFF, 1726) –, foi somente no *Discursus Praeliminaris* (WOLFF, 1728) que seu projeto psicológico ganhou seus contornos definitivos. De acordo com a definição e a divisão da filosofia apresentada por Wolff, é possível situar claramente o lugar da psicologia em seu sistema. Em seu sentido mais geral, ele revela: “costumo chamar de *Psicologia* a parte da filosofia que trata da alma. Por isso, a *Psicologia* é a ciência das coisas que são possíveis por meio das almas humanas” (WOLFF, 1728, §.58, pp. 29-30)¹. Mais especificamente, ela é parte da metafísica especial (que tem Deus, a alma e o mundo em geral como objetos de estudo) e está, portanto, a serviço da filosofia como um todo. Isso significa que ainda não há, no pensamento wolffiano, uma autonomia da psicologia, no sentido de uma ciência ou disciplina separada da atividade filosófica. Por outro lado, como veremos a seguir, o próprio esforço de demarcação efetuado por Wolff, até então inédito, já aponta para uma nova delimitação, que possibilitará posteriormente o surgimento de um campo autônomo de investigação.

Mas Wolff não se contenta com esta definição geral da psicologia. Como todo conhecimento filosófico se caracteriza pela busca de razões para o que é possível, ele acrescenta que a tarefa da psicologia é fornecer então a razão para as coisas que são possíveis pela alma (WOLFF, 1728, §.58). No entanto, para garantir a certeza deste conhecimento, é preciso começar pela experiência, o único ponto de partida confiável, segundo Wolff. Surge, então, a necessidade de uma divisão de tarefas, o que leva à criação de uma disciplina específica para investigar a experiência psíquica: a psicologia empírica. Recorrendo a uma analogia com a física, domínio em que já havia feito uma separação semelhante entre a física experimental e a física dogmática (WOLFF, 1728, §§.107-109), Wolff define essa nova disciplina como a “ciência que estabelece, por meio da experiência, princípios a partir dos quais é dada a razão do que ocorre na alma humana” (WOLFF, 1728, §.111, p. 51).

Antes de prosseguir com a exposição, cabe uma pergunta. Tendo definido o conhecimento filosófico como distinto do conhecimento meramente empírico, que chamou de histórico (WOLFF, 1728, §.3)², não estaria Wolff se contradizendo, ao dizer que a psicologia empírica e a física experimental pertencem à filosofia, uma vez que são conhecimentos da experiência? Esse parece ser um ponto ambíguo no pensamento de Wolff, como já foi observado na literatura (e.g., CORR, 1975; ÉCOLE, 1979). O próprio Wolff, contudo,

¹ As traduções do latim são de minha inteira responsabilidade. Como é de praxe na literatura especializada, as referências a Wolff trazem o número do parágrafo correspondente à passagem citada. Nos casos de citação direta, vou indicar também o(s) número(s) da(s) página(s) em que cada uma se encontra.

² “Chamamos de *histórico o conhecimento* do que existe e acontece, seja no mundo material ou nas substâncias imateriais. Por exemplo, trata-se de conhecimento histórico quando alguém aprendeu, por experiência, que o sol se levanta pela manhã, mas que se põe à tarde” (WOLFF, 1728, §.3, p. 2). Por outro lado, continua Wolff, “o *conhecimento* da razão do que existe ou acontece é chamado de *filosófico*” (WOLFF, 1728, §.6, p. 3). Portanto, ele conclui, “o conhecimento de um fato isolado e o conhecimento da razão daquele fato não são de modo algum a mesma coisa” (WOLFF, 1728, §.7, p. 3).



procura esclarecer a questão, postulando a existência de um grau intermediário de conhecimento entre a filosofia propriamente dita e a história:

Fica claro, então, que a psicologia empírica corresponde à física experimental e, mais ainda, que pertence à *filosofia experimental*. Fica igualmente claro que a psicologia empírica, assim como a física experimental, quando tratada do nosso modo (§.110), não é parte da história. De fato, nela não apenas se cataloga o que é observado sobre a alma, mas também se formam, a partir daí, conceitos das faculdades e disposições, e se estabelecem outros princípios. Mais ainda, é até mesmo fornecida a razão de algumas coisas que de todo modo se relacionam com o conhecimento filosófico (§.6) e não podem absolutamente ser incluídas no conhecimento meramente histórico (§.3) (WOLFF, 1728, §.111, p. 51, itálicos meus).

Logo em seguida, para melhor demarcar o território da psicologia empírica, Wolff vê a necessidade de separá-la daquilo que havia anteriormente definido como ‘psicologia’ em geral, a saber, a ciência que se ocupa da alma e fornece a razão de tudo o que é possível por meio dela. Surge, então, a ‘psicologia racional’ como ciência complementar à empírica. Segundo ele:

Na psicologia racional, tomando por base apenas o conceito de alma humana, derivamos *a priori* todas as coisas que lhe pertencem e que são observadas *a posteriori* e deduzidas de alguma observação, tal como convém ao filósofo (WOLFF, 1728, §.112, p. 51).

Ao separar a psicologia empírica da racional, Wolff tinha uma dupla preocupação. De um lado, ele queria separar um conhecimento mais seguro e mais próximo à experiência comum de um conhecimento mais abstrato e especulativo. De outro, ele queria evitar que as pessoas rejeitassem indiscriminadamente o conhecimento psicológico em geral, como se fosse todo ele fruto de especulações polêmicas e/ou fantasiosas³. Dada a importância da psicologia para a filosofia prática, Wolff estava muito preocupado em garantir o estabelecimento seguro de princípios psicológicos extraídos da experiência que pudessem ser posteriormente utilizados como base para a ética e a política (WOLFF, 1728, §.112).

Tendo, então, demarcado conceitualmente o domínio da psicologia e esclarecido a distinção entre a psicologia racional e a psicologia empírica, vou agora fornecer dois exemplos concretos de como elas operam. Poucos anos após a publicação do *Discurso Preliminar*, Wolff lança separadamente, e com um intervalo de dois anos, seus dois célebres tratados de psicologia – *Psychologia Empirica* (1732) e *Psychologia Rationalis* (1734) –, escrevendo, para cada um deles, uma espécie de resumo geral dos pontos principais. São esses dois textos que servirão aqui de base para minha exposição.

O modo de proceder da psicologia empírica torna-se claro quando Wolff afirma que a experiência da alma requer atenção às nossas percepções, o que significa que os assuntos tratados pela psicologia empírica devem ser conhecidos através do exame consciente dos eventos mentais (WOLFF, 1732, §.2)⁴. Em outras palavras, Wolff está explicitamente admitindo que a auto-observação é o método de investigação psicológica por excelência. Logo em seguida, ele explica melhor como isso deve ser feito:

Sem dúvida, quem quer descobrir conceitos psicológicos deve agir de forma que a alma seja capaz de extrair de si própria muitas operações. Deste modo, portanto, será possível experienciar muitas coisas. Pois, a partir das coisas que ocorrem na alma, obtemos as que podem acontecer e as que referimos a determinados conceitos. Mas quem quer que deseje ter conceitos expressos em palavras e estar certo de sua verdade deve esforçar-se para experimentar em si mesmo as coisas tratadas na psicologia, ou então reduzi-las àquilo que é dado na experiência (WOLFF, 1732, §.2, p. 2).

³ Não se deve ignorar, nesse ponto, o contexto histórico e biográfico. A publicação da *Metafísica Alemã* (WOLFF, 1720) trouxe para Wolff uma série de problemas pessoais e profissionais, que acabaram levando não só à sua demissão da Universidade de Halle, mas também à sua expulsão da Prússia em 1726. Em especial, vale destacar que a defesa da harmonia pré-estabelecida, parte fundamental de sua psicologia racional, foi um dos fatores que mais contribuiu para as acusações contra Wolff. Para maiores detalhes sobre esse contexto histórico e biográfico, ver Biller (2018) e Kertscher (2018).

⁴ “As coisas relacionadas à psicologia empírica tornam-se conhecidas por meio da atenção àqueles fatos que acontecem em nossa alma e dos quais somos conscientes” (WOLFF, 1732, §.2, p. 2).



No que diz respeito à psicologia racional, seu objetivo é fornecer as razões e o correto encadeamento de tudo aquilo que pode ser observado pela psicologia empírica. Como afirma Wolff, “*as coisas tratadas na psicologia racional devem ser demonstradas*” (WOLFF, 1734, §.2, p. 1). Isso é possível, segundo ele, porque “a alma humana tem uma essência e nela está contida a razão suficiente de tudo o que, além daquela essência, existe regularmente ou pode existir na alma” (WOLFF, 1734, §.5, p. 4). É preciso, para tanto, um exercício puramente racional de extrair as consequências lógicas dos conceitos, exercício esse que extrapola o que a experiência pode oferecer. Por isso, Wolff afirma que o conhecimento adquirido através da psicologia empírica nunca pode, por si só, levar ao conhecimento de todas as razões para o que observamos em nós mesmos. Nas suas palavras:

Sem dúvida, deve-se formar um conceito essencial e, a partir dele, obter a priori tudo o que estabelecemos a posteriori na psicologia empírica: isso pode ser alcançado se considerarmos as coisas observadas sobre a alma na psicologia empírica e investigarmos, com a força dos distintos conceitos lá desenvolvidos, quais dentre elas podem ser deduzidas a partir de outras (WOLFF, 1734, §.5, p. 4).

Essa relação fica bem evidenciada na explicação da relação corpo-alma. A experiência só fornece a sintonia entre o corpo e a alma, mas não a razão dessa sintonia. Por isso, Wolff encerra seu tratado de psicologia empírica com a constatação da sintonia e avança, na sua psicologia racional, em busca de sua razão. Neste caso, porém, apela às hipóteses filosóficas, que fornecem explicações sem poder oferecer qualquer certeza definitiva. Isso mostra, uma vez mais, a necessidade de separar a psicologia em duas partes.

Nunca é demais insistir, contudo, no fato de que, para Wolff, as psicologias empírica e racional, apesar de separadas teórica e programaticamente, trabalham sempre em conjunto. Ou seja, a psicologia é uma só. Apenas de um ponto de vista prático justifica-se uma separação. Na investigação psicológica concreta, porém, as duas permanecem intimamente ligadas e trabalham em uma contínua complementaridade. O melhor exemplo disso é a passagem em que Wolff compara o trabalho na psicologia e na astronomia:

O psicólogo imita o astrônomo, que extrai uma teoria a partir de observações e corrobora essa teoria por meio de novas observações; e que, com a ajuda da teoria, é conduzido a observações que, em outras circunstâncias, de modo algum surgiriam em seu próprio pensamento. É por isso que a psicologia racional está repleta de demonstrações que deveriam ser remetidas à psicologia empírica. E onde quer que a psicologia empírica seja estabelecida e a psicologia racional, desenvolvida, é possível adquirir muitos princípios que, de outra forma, dificilmente teriam lugar na psicologia. O melhor a fazer, portanto, é conjugar constantemente o estudo da psicologia racional com o da psicologia empírica, muito embora tenhamos decidido tratá-las aqui separadamente (WOLFF, 1732, §.5, pp. 4-5).

A terceira contribuição de Wolff foi ter incorporado, no âmbito de seu amplo projeto de uma ciência da alma, a possibilidade de mensuração e matematização dos fenômenos mentais. Embora não tenha sido o criador do termo *psicometria*, Wolff o usou na sua *Psicologia Empírica* para se referir a essa possibilidade, afirmando que a alma também segue leis matemáticas (WOLFF, 1732, §.522). Mas isso já aparece no *Discurso Preliminar*, quando ele diz que “tudo o que é finito possui sua quantidade determinada” (WOLFF, 1728, §.13, p. 6). E isso vale também para as coisas imateriais, como ele mesmo observa: “a atenção, em homens diferentes, difere em grau. Maior é a atenção de um, menor a de outro. [...] Quem não sabe que existem vários graus de virtude e vício de acordo com a diversidade de indivíduos?” (WOLFF, 1728, §13, p. 6). É bem verdade que Wolff nunca chegou a efetuar mensurações concretas de fenômenos psicológicos, mas a ideia de psicometria teve muitos entusiastas no século XVIII e abriu caminho para o desenvolvimento posterior de distintas propostas de quantificação da mente – da psicofísica às escalas de medida –, provocando debates que ainda hoje geram impasse e incomodam os defensores de uma psicologia quantitativa (e.g., CANALES, 2010; MICHELL, 1999, 2008; STURM, 2006).

Para terminar, quero indicar, em termos bem gerais, o legado de Wolff para a tradição psicológica subsequente. Em primeiro lugar, houve uma difusão de sua psicologia pelos trabalhos de seus discípulos, como Georg Bernhard Bilfinger (1693-1750) e Friedrich Christian Baumeister (1709-1785), que tiveram



impacto no século XVIII (BAUMEISTER, 1738; BILFINGER, 1725). Em segundo lugar, a psicologia wolffiana foi difundida no cenário da cultura europeia como um todo. Inicialmente, foi publicado em Amsterdam um resumo em francês da psicologia empírica (ANÔNIMO, 1745). Dois anos depois, Jean Deschamps (1707-1767), o maior representante do wolffianismo em língua francesa, publicou um curso resumido sobre a filosofia wolffiana com dois volumes dedicados à psicologia (DESCHAMPS, 1747a, 1747b). Ademais, não podemos deixar de observar que na *Encyclopédie* de Diderot e D’Alambert o verbete *psychologie* praticamente reproduz a concepção de Wolff, mantendo tanto sua filiação à filosofia quanto sua bipartição em “*Psicologia empírica* ou experimental e *Psicologia razoada*” (ANÔNIMO, 1765, p. 543, ênfase no original). Retornando à tradição alemã, foram surgindo, ao longo de todo o século XIX, vários projetos de psicologia científica, que resultaram no estabelecimento da psicologia fisiológica ou experimental como ciência autônoma. Nesse caso, destaca-se, entre outros, o nome de Wilhelm Wundt (1832-1920), que fundou o primeiro laboratório de psicologia experimental e escreveu um livro que se tornou a referência fundamental para a área por décadas (WUNDT, 1874).

É interessante notar, contudo, que a psicologia de Wolff sofre, ao longo deste percurso, uma mutilação: enquanto a psicologia racional é recusada como resquício de uma velha e ultrapassada metafísica, a psicologia empírica é aprimorada por meio de uma reforma metodológica, isto é, pela eliminação da auto-observação casual e sua substituição pela auto-observação experimental. É o método experimental, então, que vai produzindo uma concepção de psicologia cada vez mais desvinculada da filosofia, até o ponto de não reconhecer mais sequer a relevância desta última para o seu empreendimento. É essa a concepção de psicologia predominante em todo o mundo atualmente. Certamente não era essa a intenção de Wolff, assim como não era a de Wundt, que lutou até os últimos dias de sua vida para que os psicólogos entendessem a importância da reflexão filosófica na construção da psicologia (WUNDT, 1913). Seja como for, estamos hoje bem longe de Wolff. Mas isso não significa que o contato com sua obra seja inútil. Ao contrário, julgo necessário retomar na psicologia contemporânea o diálogo – tão caro a Wolff – entre filosofia e psicologia, sob pena desta última tornar-se teoricamente ingênua ou irrelevante, ainda que continue gerando tecnologias e intervenções sociais.



Referências bibliográficas:

- ANÔNIMO (1745). *Psychologie ou traité sur l'ame*. Amsterdam: Mortier.
- _____. (1765). "Psychologie". In D. Diderot (Ed.), *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (Vol. 13, p. 543). Neufchâtel: Faulche.
- ARAUJO, S. F. (2012). "O lugar de Christian Wolff na história da psicologia". In: *Universitas Psychologica*, 11(3), 1013-1024.
- ARAUJO, S. F. & PEREIRA, T. C. R. (2014). "La idea de psicología racional en la Metafísica Alemana (1720) de Christian Wolff". In: *Universitas Psychologica*, 13(5), 1655-1666.
- BAUMEISTER, F. C. (1738). *Institutiones metaphysicae: ontologiam, cosmologiam, psychologiam, theologiam denique naturalem complexae methodo Wolfii adornatae*. Wittenberg: Zimmermann.
- BILFINGER, G. B. (1725). *Dilucidationes philosophicae de Deo, anima humana, mundo, et generalibus rerum affectionibus*. Tübingen: Cotta.
- BILLER, G. (2018). "Biographie und Bibliographie". In: R. Theis & A. Aichele (Eds.), *Handbuch Christian Wolff* (pp. 5-31). Wiesbaden: Springer.
- BLACKALL, E. (1959). *The emergence of German as a literary language 1770-1775*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- BOER, S. W. de (2013). *The science of the soul*. Leuven: Leuven University Press.
- CANALES, J. (2010). *A tenth of a second*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.
- CORR, C. (1975). "Christian Wolff's distinction between empirical and rational psychology". In: *Studia Leibnitiana, Supplementa 14*, 195-215.
- DESCHAMPS, J. (1747a). *Cours abrégé de la philosophie wolffiene em forme de lettres* (Vol. II.1, Psychologie expérimentale). Amsterdam & Leipzig: Arkstee & Merkus.
- _____. (1747b). *Cours abrégé de la philosophie wolffiene em forme de lettres* (Vol. II.2, Psychologie raisonnée). Amsterdam & Leipzig: Arkstee & Merkus.
- DES CHENE, D. (2000). *Life's form*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- _____. (2001). *Spirits and clocks*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- DYCK, C. (2014). "De la notion de philosophie expérimentale selon Wolff". In: *Les Études Philosophiques*, 4, 397-406.
- KERTSCHER, H.-J. (2018). *"Er brachte Licht und Ordnung in die Welt": Christian Wolff – eine Biographie*. Halle: Mitteldeutscher Verlag.
- MICHELL, J. (1999). *Measurement in psychology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.



_____. (2008). "Is psychometrics pathological science?" In: *Measurement: Interdisciplinary Research Perspective* 6(1), 7-24.

PEREIRA, T. C. R. (2017). *A unidade da psicologia no pensamento de Christian Wolff*. Tese de Doutorado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora.

PERLER, D. (2009). *Transformations of the soul*. Leiden: Brill.

SALATOWSKY, S. (2006). *Die Rezeption der aristotelischen Psychologie im 16. und 17. Jahrhundert*. Amsterdam: Grüner.

STURM, T. (2006). "Is there a problem with mathematical psychology in the eighteenth century? A fresh look at Kant's old argument". In: *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 42(4), 353-377.

_____. (2009). *Kant und die Wissenschaft vom Menschen*. Paderborn: Mentis.

THEIS, R. & AICHELE, A. (Eds.) (2018). *Handbuch Christian Wolff*. Wiesbaden: Springer VS.

VIDAL, F. (2011). *The sciences of the soul*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

WOLFF, C. (1720). *Vernünfftige Gedancken von Gott, der Welt und der Seele des Menschen*. Halle: Renger.

_____. (1724). *Anmerkungen über die vernünfftige Gedancken von Gott, der Welt und der Seele des Menschen*. Frankfurt a. M.: Andrea.

_____. (1726). *Ausführliche Nachricht von seinen eigenen Schriften*. Frankfurt a. M.: Andrea und Hort.

_____. (1728). "Discursus praeliminaris de philosophia in genere". In: C. Wolff, *Philosophia rationalis sive logica* (pp.1-104). Frankfurt & Leipzig: Renger.

_____. (1932). *Psychologia empirica*. Hildelsheim: Renger.

_____. (1934). *Psychologia rationalis*. Hildelsheim: Renger.

WUNDT, W. (1874). *Gründzüge der physiologischen Psychologie*. Leipzig: Engelmann.

_____. (1913). *Die Psychologie im Kampf ums Dasein*. Leipzig: Kröner.

ZUPKO, J. (1997). "What is the science of the soul? A case study in the evolution of late medieval natural philosophy". In: *Synthese*, 110(2), 297-334.

Recebido em 30 de junho de 2020. Aceito em 04 de agosto de 2020.